

---

ARTIGOS

---

---

NELLY MARTINS FERREIRA CANDEIAS

---

1822-1922 – O CENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

## SOBRE A AUTORA



**NELLY MARTINS FERREIRA CANDEIAS** formou-se em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e estagiou na “London School of Economics and Political Science”. Como bolsista da Organização Mundial de Saúde, realizou seu mestrado na “School of Public Health, University of California”, onde preparou sua tese de doutoramento com financiamento da Fundação Ford. De regresso a São Paulo, passou a fazer parte do corpo docente da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Como “fellow” da Fundação Kellogg, trabalhou no “Health Services Research Center”, na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill. Autora de dezenas de artigos publicados no Brasil e no Exterior, foi agraciada nos EUA com os seguintes títulos: “Adjunct Research Associate”, do Health Services Research Center, e “Center Associate”, do Cecil G. Sheps Center, em Chapel Hill; “Faculty Associate” da Universidade do Texas, em Houston. Foi consultora das Nações Unidas e da Organização Mundial da Saúde. Como representante do Brasil no “Board of Trustees” do “International Union for Health Promotion and Education”, colaborou no planejamento e na realização de vários eventos de interesse internacional. Após a aposentadoria como professora titular da USP, foi eleita Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, cargo que ocupa desde 2002.

---

## INTRODUÇÃO

Ao comemorar-se o primeiro centenário da Independência do Brasil, em 1922, nada expressou melhor a integração da comunidade luso-brasileira do que a visita do Presidente da República Portuguesa ao Brasil e a primeira travessia aérea do Atlântico Sul por dois aviadores portugueses, Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Na primeira parte deste trabalho transcreveram-se os discursos proferidos pelos presidentes do Brasil e de Portugal, Epiácio Pessoa e Antonio José de Almeida, no período de 17 a 27 de setembro de 1922, e os discursos de Ricardo Severo e Jayme Cortesão, ambos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, tendo tomado posse, respectivamente, a 5 de fevereiro de 1912 e 4 de fevereiro de 1950.

Na segunda parte, mostram-se cerimônias, recepções e reportagens realizadas na cidade de São Paulo por ocasião da vinda de Gago Coutinho e Sacadura Cabral: no jornal “Folha da Noite”, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo e no Clube Português.

Não é minha intenção fazer quaisquer outras referências, que não seja a procedência de documentos publicados em livros, jornais e revistas, com imagens, às vezes em *fac-simile*, assim como fotos e objetos de valor histórico.

Comemorando os 90 anos da primeira travessia do Atlântico Sul (1922) e os 190 anos da Independência do Brasil (1822), datas luso-brasileiras, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo presta sua contribuição à memória do Brasil e de Portugal. Salva assim do esquecimento uma das mais vigorosas expressões da irmandade das nossas nações – a Independência do Brasil, chama inextinguível que

liga dois povos irmãos, através dos séculos, cuja glória perdurará no espaço e no tempo, velando pelos ideais da liberdade e da democracia da luso-brasilidade.



## I- DISCURSOS E ARTIGOS



Epitácio Pessoa, Presidente do Brasil



Antonio José de Almeida,  
Presidente de Portugal

### **Aos Brasileiros – Mensagem do Presidente de Portugal, enviada do navio “Porto”.**

#### **Bordo do “Porto”**

Ao entrar na baía de Guanabara, a melhor baía do mundo, tenho a honra de saudar o Brasil, uma das mais possantes e formosas Pátrias que tem existido sobre a Terra. Venho visitar este país de maravilha com a trêmula emoção de quem pratica um ato religioso em que o espírito se sente arrebatado para além do espaço e do tempo, contemplando, absorto, o esforço sobre-humano das gerações predestinadas. Colaboradores da mesma obra de civilização, tão juntos temos trabalhado, brasileiros e portugueses, que para sempre ficamos irmãos; irmãos, mais nos aproximamos ainda, no momento do Centenário da vossa Independência, em que as duas Pátrias como que suspendem o voo, na sequencia de um destino eterno, para se unirem sob a asa da sua tradição ancestral, como duas águias oriundas dos cerros da Lusitânia, que quisessem sentir, por um

instante, o calor e agasalho comum. Homem simples e modesto, figura transitória da vida pública do meu País, por mim, Brasileiros, nada vos posso trazer que tenha valor. Mas no meu coração conduzo até vós um sentimento imorredouro, que é o amor dos Portugueses à vossa Pátria acolhedora e resplandecente, Pátria fecunda e generosa onde, como se fora a sua, devotados à terra e respeitando as leis, trabalham honradamente tantos filhos queridos de Portugal. E mais ainda, se é possível, do que o próprio orgulho de ser chefe do grande Povo que, outrora, fez uma patética criação de mundos, experimento a imerecida fortuna de ser o mensageiro da fraternidade inviolada que a minha terra sente pela vossa terra admirável.

Águas Brasileiras, 16 de setembro de 1922 – Antonio José de Almeida



DISCURSO DO PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA NO  
PALÁCIO DO CATETE POR OCASIÃO  
DO BANQUETE OFICIAL, EM  
18 DE SETEMBRO DE 1922

Senhor Presidente!

A visita de V. Exa. a esta capital, no momento em que o Brasil comemora o primeiro centenário de sua Independência política, tem tão alta significação e importância transcendente, que bem justifica a profunda comoção com que é recebida por todos os brasileiros.

Espíritos menos observadores poderão, talvez, acreditar que nessa comemoração, à qual a presença de V. Exa. dá excepcional relevo, se dissimula o júbilo nacional pela vitória que os brasileiros

---

alcançaram contra os portugueses em 1822. Um exame menos superficial do acontecimento, porém, logo dissipa o equívoco, e mostra a toda a luz que o que estamos festejando, neste momento histórico, é antes uma data da Raça. Por que não haveria Portugal de comemorar hoje conosco a emancipação política de um país que ele descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça dos invasores? Por que, se mesmo em 1822, tantos portugueses de nascimento se bateram ao lado dos brasileiros pela obra da Independência? Não! A guerra da Independência não foi uma luta de brasileiros contra portugueses, mas de brasileiros e portugueses, aliados entre si, contra a orientação retrógrada e impolítica das Cortes de Lisboa, empenhadas em destruir a obra que vários séculos haviam já consolidado – a unidade nacional dentro da imensa vastidão do nosso território.

Ninguém mais trabalhou pela Independência do Brasil do que D. João VI, que, nos seus treze anos de administração, cuidou exatamente de preparar o país para o governo de si mesmo, abrindo-lhe os portos, dando-lhe arte, escolas, academias, bibliotecas, imprensa, liberdade de comércio e de indústria, meios de transporte, vias de comunicação, exército, armada, culturas, em uma palavra, tudo quanto podia conduzir-nos à vida de soberania. Fê-lo com o propósito declarado e firme de formar, no Brasil, o grande império do futuro. Quando ele partiu, em 1821, já o nosso país tinha seis anos de vida como reino, com a sua política, a sua justiça, a sua administração e o seu credo religioso – condições essenciais à formação da nova nacionalidade. Essa formação já o velho monarca a previa, tanto que, ao deixar as nossas plagas, aconselhava o filho a pôr na cabeça a nova coroa antes que o fizesse qualquer aventureiro.

Assim, pois, o grito do Ipiranga, dado pelo filho às margens do ribeirão paulista, nada mais foi do que a consequência lógica dos atos do pai. Esse grito, partido da alma portuguesa de D. Pedro, com aplausos de portugueses e filhos de portugueses, não foi nem podia ser um brado de guerra contra Portugal, mas um protesto vibrante contra os desatinos das Cortes de Lisboa. Fez-se a Independência. As relações entre os dois povos, ou melhor entre os dois ramos do mesmo povo, que a força irresistível da evolução natural desunira sem separar, ou cujos corpos separara sem as almas desunir, nem foram, a bem dizer, interrompidas. Os portugueses que ficaram conosco não se sentiram

---

em 1822, como não se sentem hoje, em terra estranha. As forças mandadas de Lisboa pelas Cortes hostis, que sonhavam entre si, essas forças não tiveram contra si apenas os brasileiros feridos no seu orgulho, mas também os portugueses liberais, indignados com a ditadura coletiva dos Deputados da Regeneração. Portugal, pelo seu rei, preparara o Brasil para a Independência, como o pai prepara o filho para a maioridade. O 7 de Setembro de 1822 é, pois, uma data luso-brasileira, é uma data da Raça. E, assim, nada mais natural que os dois povos, unidos outrora por esse espírito de justiça e de liberdade, de progresso e de empreendimentos ousados que levaram os portugueses ao descobrimento e impeliram os brasileiros à Independência, se reúnam hoje também, com a amizade e o carinho de sempre, para festejar juntos um acontecimento que a ambos deve encher de orgulho.

É, portanto, Senhor Presidente, com o mais íntimo regozijo que, em nome da Nação Brasileira e no meu próprio nome, saúdo ao glorioso Portugal, na pessoa de V. Exa., em cuja honra levanto a minha taça.



#### DISCURSO DO DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

Senhor Presidente!

A emancipação política da grande Pátria que é hoje o Brasil foi um fato espontâneo e normal, consequência duma evolução inexorável, que nenhuma força seria capaz de impedir. A Independência do Brasil não data do grito do Ipiranga, como à primeira vista podia supor-se; ela partiu de mais longe, porque se vinha formando lentamente na consciência nacional, visto que, de fato, o Brasil, apesar de colônia, foi desde cedo nação, tendo mais condições de vida própria do que tantos outros povos que, ao longo da História, com aparência



---

de independentes, mais não foram do que organismos subordinados a outros mais poderosos que os dominaram. O nervosismo, mais feito, afinal, de desolação e despeito do que de má vontade, que, em Portugal, se manifestou logo após o ato definitivo da Independência, desapareceu sem demora, porque aqueles que lá lutavam contra uma forma de governo retrógrada e reacionária compreenderam que se, para eles, a fórmula da própria Independência, individual e coletiva, era a revolução liberal, aqui, no Brasil, a revolta contra a mesma opressão só podia revestir um aspecto – o da Independência.

Como V. Exa. acaba de dizer, com firme exatidão e escrupulosa verdade, Portugal descobriu, povoou e defendeu contra a cobiça dos estrangeiros o vasto território do Brasil. O Brasil independente de hoje tem, pois, que agradecer a Portugal o fato de ele lhe ter legado, intacto, à custa de torrentes de sangue e torrentes de lágrimas, tamanho e tão rico patrimônio. Mas Portugal tem que agradecer ao Brasil independente de hoje a energia, a bravura, a inteligência e o amor da Raça com que ele tem sustentado, aumentando-a, desenvolvendo-a e dourando-a duma maior majestade e beleza, a sua obra, que foi a maior glória do seu grande passado. Creio que estamos pagos perante a História. Nenhum povo deve menosprezar as honradas origens que teve, e nenhum povo tem o direito de olhar com ressentimento ou tristeza sequer a separação do seu todo daquela parte que, no exato cumprimento dos destinos históricos, uma vez sentiu em si a ação de forças indomáveis que o levaram ao legítimo afastamento.

É esse o motivo que determinou V. Exa. a render, neste momento, um sentido culto a Portugal. É essa a razão que me impele a mim a prestar profunda e comovida homenagem ao Brasil. V. Exa. o disse: o Sete de Setembro é uma data luso-brasileira, e celebrá-lo é realizar uma festa da Raça. Em verdade, nesta data há glória que chegue para todos. Somente eu, Sr. Presidente Dr. Epitácio Pessoa, devo declarar francamente que não vim aqui com mandato da minha Pátria para tomar a porção de glória que lhe pertence. Eu vim

---

aqui no exclusivo intuito de reconhecer aquela outra, e bem grande ela é, que cabe em partilha ao Brasil. E nesta missão de que venho investido, e que teve ontem tão auspicioso início na maneira inexcedível de entusiasmo e carinho com que V. Exa., o seu governo, as autoridades civis e militares e o povo quiseram receber-me, ao entrar nesta formosa cidade, estou reconhecendo, por mim próprio, o que já sabia por depoimentos alheios, isto é, que o Brasil tem sabido criar uma civilização própria, que é em parte feita da velha tradição portuguesa, em parte devida ao forte e sadio ambiente americano, mas sobretudo é o resultado do esforço intrépido e inteligente dos homens resolutos que o povoam, e na verdade se formaram um estado de alma coletivo, poderoso e resplandecente, a que, com justeza, se deve chamar brasilidade – força nova, serena e ousada que está intervindo eficazmente nos destinos do mundo.

Brasil e Portugal são duas Pátrias irmãs, cada uma vivendo em sua casa, tendo um passado até há cem anos comum e um futuro, em muitos pontos diverso, mas em tantos outros equivalentes. Os brasileiros sentem-se em Portugal como na sua Pátria. Os portugueses, em vastos núcleos de trabalhadores, sentem-se no Brasil como na sua própria terra. As mesmas instituições republicanas, embora sob aspecto diferente, governam e dirigem as duas Nações, que têm dado provas, ambas elas, de amar sinceramente a Democracia. Uma língua incomparável, que retine o melhor ouro da linguagem humana e dispõe dum poder plástico sem igual, serve – maravilhoso instrumento de civilização e solidariedade – os dois povos, que se sentem presos nas espiras desse verbo quase divino. Que outra coisa é preciso para que eles se auxiliem sempre e se entendam cada vez mais? Creio que coisa nenhuma, já que o sentimento fraterno que enleia os seus corações, perenemente alvoroçados pela estima comum, é tão forte que em caso nenhum a vontade dos homens o pode quebrar. E o nosso encontro aqui, Senhor Presidente, é um eloquente testemunho dessa esplêndida realidade.

Senhor Presidente: em nome da Nação Portuguesa e no meu próprio nome, agradeço a V. Exa. e ao Brasil a entusiástica

---

e comovente recepção que me fizeram e de que guardarei perdurável recordação, e, erguendo a minha taça em honra de V. Exa. e do grande povo de que é Chefe eminente, faço votos sinceros pelas suas mútuas felicidades.

☆ ☆ ☆

## BRASIL – PORTUGAL



Não poderia ter sido mais honrosa ao Brasil a homenagem que nos prestou Portugal, enviando-nos as suas saudações por intermédio do próprio chefe da nação portuguesa.

Procurando dar-nos, por ocasião da celebração do nosso centenário nacional, uma tão delicada prova do seu apreço, quis, ao mesmo tempo, significar-nos Portugal que a nossa emancipação política, longe de ter cavado uma separação moral entre os dois povos irmãos, tornou possível uma cordial fraternidade, que nunca havia existido no regime colonial.

Separados, como fatalmente tínhamos de estar, a fim de que pudéssemos realizar livremente o nosso destino histórico, sentimos e compreendemos melhor as qualidades do velho tronco de que nos orgulhamos de descender. Em um século de vida independente, o Brasil habituou-se a encarar Portugal não mais como a metrópole, que aos nossos maiores se afigurava opressiva, porque entre o velho reino ibérico e a nascente nacionalidade americana existia uma tal divergência de aspirações e uma tal disparidade no ritmo da vida, que a união forçada das duas nações envolvia um atentado contra a ordem natural das coisas. Hoje, brasileiros e portugueses, sabendo bem quais são os pontos de inevitável e perpétua separação que entre

---

nós existem, procuram acentuar os traços comuns, que nos aproximam e tornam fácil uma eficiente cooperação internacional entre os dois povos irmãos. Uma análise desses pontos de contato entre o Brasil e Portugal, se não autorizam utopias e devaneios, que, longe de concorrerem para estreitar as relações brasileiro-lusitanas, podem dar lugar a equívocos, que convém evitar, mostra bem claramente que, apesar da influência de muitos outros fatores, cuja ação se fez sentir na nossa evolução nacional, os elementos fornecidos por Portugal continuam a representar um papel de mais alta relevância na vida brasileira.

Seria pueril contestar que, de dia para dia, se acentuam as influências sociais, econômicas e intelectuais de novas correntes trazidas para o nosso meio, cada vez mais complexo e mais agitado pela intensa fusão de elementos heterogêneos. Temos hoje do sangue português muito menos do que o tinham os nossos maiores, e não é difícil prever que dia virá em que a diluição da seiva lusitana chegue ao ponto de termos a nossa identidade de raça com o nobre povo de Portugal reduzida a uma quase ficção. Mas, ainda quando a confluência das raças, trazidas no movimento migratório, tornem uma realidade essa formação de um tipo étnico brasileiro, no qual o elemento português seja apenas um traço teórico no nosso pergaminho nacional, estaremos ainda vinculados a Portugal pela cadeia indestrutível de um idioma comum.

Nessa solidariedade espiritual e dinâmica da linguagem está um laço mais forte de entendimento e de amor do que na identidade da raça, que se apaga com a fusão com outras gentes e se desvirtua sob a influência dos fatores do meio físico. Nem se diga que, para consumir com a terra linda de Portugal a comunhão espiritual que vem da língua comum, precisamos de nos envergonhar das peculiaridades e dos traços indígenas da língua portuguesa do Brasil. O nosso idioma sofreu as alterações que o meio lhe impôs; teve de ceder diante das exigências da mentalidade e da estesia da nossa gente. Porque, se somos portugueses, somos muita coisa mais que a língua de Portugal não pode exprimir sem que se amplie o seu vocabulário com uma legião de novas palavras, inspiradas pela polifonia do meio americano,

---

e sem que se abrandem os rigores sintáticos da língua de além-mar para acompanhar o ritmo do pensamento mais sutil da nossa cerebração de mestiços. Reconhecendo essas diferenças inevitáveis e tendo bastante coragem para fugirmos ao fetichismo gramatical dos fariseus do idioma originário, podemos, entretanto, afirmar que essas pequenas variações nacionais da língua comum não prejudicam o fato essencial de que, entre brasileiros e portugueses, subsiste e subsistirá sempre essa cadeia bendita da língua forte e intensamente colorida na sua esplêndida exuberância sonora que os vigorosos batalhadores do reino glorioso prepararam, sem imaginar que o seu destino mais nobre seria tornar-se um dia o instrumento de atuação mental da civilização que os lusos fundaram em terras da América.

Cultivando essa língua, elevando-a acima do nível em que a deixaram os nossos maiores de além-mar, prosseguindo no trabalho carinhoso de que nos deram exemplo os artistas de Portugal, conseguiremos consolidar o traço fundamental da nossa nacionalidade e, ao mesmo tempo, estaremos tornando cada vez mais sólidas e fraternais as nossas relações com Portugal. Que esse movimento de aproximação internacional, baseado sempre na compreensão da diferença dos destinos históricos dos dois países, corresponde às aspirações mais sinceras do povo brasileiro, pode verificá-lo, agora, o eminente chefe da nação portuguesa. Porque, se Portugal nos deu uma grande prova de fraternal afeto, enviando-nos as suas saudações por meio de tão alto embaixador, o Brasil já fez sentir ao supremo magistrado da nação irmã que ele se acha na terra dos maiores amigos de Portugal.

**Jayme Cortesão**

Publicado no jornal "O Dia" em dezembro de 1922



---

e sem que se abrandem os rigores sintáticos da língua de além-mar para acompanhar o ritmo do pensamento mais sutil da nossa cerebração de mestiços. Reconhecendo essas diferenças inevitáveis e tendo bastante coragem para fugirmos ao fetichismo gramatical dos fariseus do idioma originário, podemos, entretanto, afirmar que essas pequenas variações nacionais da língua comum não prejudicam o fato essencial de que, entre brasileiros e portugueses, subsiste e subsistirá sempre essa cadeia bendita da língua forte e intensamente colorida na sua esplêndida exuberância sonora que os vigorosos batalhadores do reino glorioso prepararam, sem imaginar que o seu destino mais nobre seria tornar-se um dia o instrumento de atuação mental da civilização que os lusos fundaram em terras da América.

Cultivando essa língua, elevando-a acima do nível em que a deixaram os nossos maiores de além-mar, prosseguindo no trabalho carinhoso de que nos deram exemplo os artistas de Portugal, conseguiremos consolidar o traço fundamental da nossa nacionalidade e, ao mesmo tempo, estaremos tornando cada vez mais sólidas e fraternais as nossas relações com Portugal. Que esse movimento de aproximação internacional, baseado sempre na compreensão da diferença dos destinos históricos dos dois países, corresponde às aspirações mais sinceras do povo brasileiro, pode verificá-lo, agora, o eminente chefe da nação portuguesa. Porque, se Portugal nos deu uma grande prova de fraternal afeto, enviando-nos as suas saudações por meio de tão alto embaixador, o Brasil já fez sentir ao supremo magistrado da nação irmã que ele se acha na terra dos maiores amigos de Portugal.

**Jayme Cortesão**

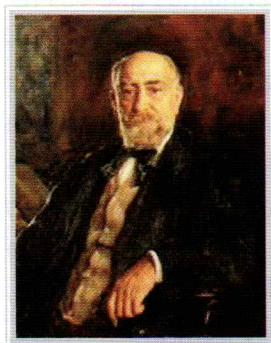
Publicado no jornal "O Dia" em dezembro de 1922



## NO PALÁCIO GUANABARA

### Discurso do Dr. Ricardo Severo, em nome da Colônia Portuguesa de São Paulo

“Pela Pátria da grei”



Excelentíssimo Senhor Presidente da República Portuguesa! Excelso Homem-bom de Portugal Sou eu a falar-vos, porque é a vez dos humildes. Não tenho aqui outra representação. Haveis sido festejado pelos maiores figurativos dos mais altos valores sociais; vou falar-vos agora pela enormidade dos menores, e não apenas pela colônia portuguesa de São Paulo, no Brasil, mas por toda a gente nossa que jaz fora da Pátria, dispersa pela terra do exílio. A alma do emigrado não muda de espécie, diferenciando-se com o ambiente local. O indivíduo veste-se, de fato, com as modalidades externas do tipo social em um novo meio de vida; mas perdura, simples e indecomponível, o caráter do português de Portugal, por toda a parte onde o leva o viajero destino; pela terra dos outros, pelas terras de todos. Falar-vos de nós, os de São Paulo, é falar de todos os demais que vagueiam pelo espaço mundial, desde as origens plasmáticas da civilização e da Pátria; e o que têm a dizer-vos os desta colônia repetirão todos os outros como eco, que repercutirá indefinidamente pela eternidade do passado. Cometeis uma ação de superlativo patriotismo vindo até nós como Chefe da Nação, como augusto patriarca, trazendo-nos a arca da tradição com as tábuas da nossa

---

lei, e a imagem da Pátria num relicário sagrado, que é a vossa alma pura de excelso patriota.

Todavia, ver-nos só não basta. Devereis quedar-vos um pouco mais, para sentir e compreender a função nova do português, fora do berço da Raça, a construir pátrias e a exaltar uma pátria sua, imaginária e falsa, talvez, como um sonho de saudade, mas verdadeira como ideal fixo numa crença que é o espírito vital da nacionalidade. Não chegais à beira da nossa comunidade, hieraticamente, como outrora o visitante real ao termo de uma antiga Beetria – que era a arquetípica República dos homens-bons – para inquirir da nossa justiça. Reunimo-nos em assembleia diante de vós, não porque algo tenhamos que vos requerer, mas apenas para muito vos saudar, para vos prestar justa homenagem como homem-bom que sois de Portugal, e para vos confiar fraternalmente a nossa alma. E nada temos que vos requerer, porque somos contentes na nossa Beetria espiritual de aquém-mar, sob a égide da ordem brasileira; estamos em outra Pátria, no regime da mais generosa liberdade, e a ela damos de boa mente quanto merece a sua franca hospitalidade, que é própria da nobreza da Raça. Nada tendes, pois, que inquirir; nós somos aqui felizes. E somos bem-aventurados, porque nos é dado continuar aqui a obra ingente dos nossos antepassados, colaborando na formação do integral brasileiro, cada vez mais cristalino e rutilante no cosmos das nações. Se nos juntamos em concílios de compatriotas, não é para nos isolarmos ou impor a nossa espécie nacional, mas pelo instinto de união que nos levou às primeiras Repúblicas das origens históricas, pela virtude racial que criou a nacionalidade e a mantém indissolúvel por todo o Mundo.

Reunimo-nos para obras de democrática benemerência, para o culto íntimo da terra natal, observando entre nós, como em tempos remotos, a ordenação fraternal dos homens-bons. Hoje aqui estamos, juntos em magno conciliábulo, por um sentimento de elevada religiosidade, prostrados diante do altar da Pátria, como outrora nos panteões sagrados das lendárias civilidades da Lusitânia. Ocupais a sede do supremo patriarcado; passamos às vossas mãos venerandas o turíbulo de que se evola a essência da nossa prece. E, seguindo



---

com os olhos o rastro desse incenso vaporoso, acompanhareis a esteira de nebulosa brancura do ideal de um povo, unindo os céus e as terras; e, quanto mais se depreende e se espalha pelo infinito etéreo este incenso gerador de nebulosas astrais, mais se acende o perene braseiro turibular. Reparai neste milagre: o incensário é um cofre de relíquias, porque as brasas incandescentes são pedaços do torrão lusitano, o incenso é o gênio criador duma raça de heróis, volatilizando-se em uma auréola nebulosa, que o sol doura nos confins do firmamento, e que é a epopeia luminosa dos Lusíadas.

Tendes diante de vós um culto novo, como uma liturgia de mágico exoterismo, uma nova religião e um novo evangelho da Pátria. Tão alto exalçamos a ideia de Pátria que do outro lado do mar nem a percebem. Sentiria este evangelho, se alguém se devotasse a professá-lo, o povo anônimo, tão raso como o torrão, sobre que sementa obscuramente uma Pátria real, dirigindo por misteriosos sulcos subterrâneos as raízes da sua grei. Na metrópole, porém, de há muito foi esquecida a tradição; e tão vazio foi o hiato aberto na cronologia da nacionalidade que a História perdeu as suas origens naturais, estabelecendo como ponto de partida alguns pergaminhos referentes a um caso de doação dotal entre príncipes das Espanhas. Como se este diploma pudera ser razão etnológica duma nacionalidade! Essa razão, que nasceu com as primeiras origens, é multimilenária; não se divisa através as crônicas escritas, porque jaz nos sedimentos geológicos da terra portuguesa em caracteres apenas decifráveis; e sobrevive no âmago dos mais recônditos elementos da tradição e da alma do povo, apenas perceptíveis para os que têm o coração da sua Raça. Os cérebros e corações dos que têm pretendido orientar e governar a grei, no tempo das cortes reais e dos parlamentos republicanos, nunca procuraram compreendê-la nem senti-la.

A grei portuguesa foi, e continua a ser, um elemento a parte na política, na história e até na ordenação do próprio destino. Está por fazer a história do povo português, como está por iniciar a sua política nacional; porque nem uma nem outra se fundamentaram no

---

alicerce real da nacionalidade, única base da sua realidade e do seu equilíbrio vital. E não é a culpa do bom povo português. Este sente com elementar pureza o princípio superior da Pátria; e saberia exprimir este ideal, pronunciando o seu credo, se o despertassem do anonimato silencioso em que se esconde, como é natural e próprio dos infinitésimos fatores da química dos Mundos.

Tem despertado em célebres períodos da História, guiado por alguns de seus raros apóstolos, e traçou poemas de heroísmo que enchem a história do Mundo. Mas breve se dilui este santo apostolado em fases de decadência, que são o absoluto afastamento da consciência e da razão nacionais, da alma e do caráter da grei. Despertou não há muito para a República, que era uma salvação, mas regressa desencantado ao seu retiro tradicional, onde guarda em misteriosos cadinhos a secreta alquimia da Pátria.

Erraram ainda os seus apóstolos em uma estrada que se mostrava clara, porque a iluminava a estrela de alba da mais brilhante tradição; e erraram, porque não se inspiraram no espírito racial da nacionalidade, na alma-máter do povo. A nova República deveria ter sido como uma ressurreição, realizando uma sobrevivência étnica, uma reconstituição tradicional, uma reivindicação nacionalista. Mas continuou apenas política, doutrinária, formalista. Houve em verdade um notável ensaio de apostolado tradicionalista, que orientou uma geração anterior de revolucionários; mas, vencido, apenas criou uma escola do mais brilhante renascimento nas ciências, nas artes e nas indústrias nacionais. Dirigiu todos os olhares para a terra e para o povo na sua íntima união procriadora da nacionalidade, mas não conseguiu dar olhos à política, que continuou teórica e humanista. E a tal ponto foi que alguns teóricos houveram por bem se reintegrasse na *Hispania* clássica e absolutista esse pequeno fragmento de território nosso, que apenas se diferenciou pelo artifício de alguns príncipes reinantes, ignorando que esse pedaço da Península foi a terra celebrada da *Lusitânia* maior outrora do que o Portugal de hoje, e que dominou por completo a pré-história da Ibéria, como polo evidente da civilização ocidental! Foi naquelas

---

eras olímpicas a Pátria lendária da gente *Atlântida*, que tinha já em suas mãos a chave do oceano, desde as Colunas de Hércules, até as praias hiperbóreas; que abriu aos fenícios, gregos e romanos os empórios em que se caldeou a civilização mediterrânea, com os seus áureos períodos do ciclo Egeu e micênico de Tiro, de Atenas, de Roma e de Cartago.

Foi a *Lusitânia* esse foco de luz e de civilização: nome histórico, talvez convencional, sem exata determinação geográfica, mas que dominou toda a Península, desde as cristas dos Pireneus até o mar largo, por onde se dilui o sol ocidental e acaba o Velho Mundo. Esta é a Pátria nossa, berço da nossa Raça, farol resplandecente que iluminou a antiguidade, e que na atualidade nos cumpre erguer tanto mais, quanto mais se vão dilatando os novos Mundos e as novas civilizações; porque a sua luz ainda é foco de vida e não deve extinguir-se enquanto perdurar a essência desse brilho na alma da grei lusitaniense.

Quaisquer que sejam as revoltas sociais que perturbem a ordem e a unidade da família portuguesa; por maior que seja a incapacidade dos homens do governo, sem a virtude e o saber da elevada política da Pátria; por mais adversa que seja a indiferença de certas castas sociais pelo vital problema da nacionalidade, cumpre a todo o descendente da velha estirpe pregar pelos recantos onde se acoitam os restos do primitivo povo da Lusitânia, esta religião de uma Pátria sublimada que será imensamente grande e duradoura, porque nele se baseia, como a matéria una do Universo sobre a partícula indivisível do átomo. E ai tendes, excelso homem-bom da nossa grei, qual o mistério desse turíbulo simbólico que depomos em vossas mãos venerandas, para que o vosso mais alto prestígio o leve até a consciência e o entendimento do público abastardado que enche os anfiteatros tumultuosos da política na nossa terra natal. A metrópole desinteressa-se do Brasil após a Independência, e não se ocupa mais de nós, os luso-brasileiros. Enviamos para lá em dádivas de benemerência, em pensões, em rendimentos, uma riqueza anual que constitui certamente uma das maiores fontes de receita da economia portuguesa; e enviamos para lá a todo

o momento a nossa alma em cristalinas lágrimas de saudade, que são do Brasil os mais preciosos diamantes que lá chegam. Em troca nada recebemos; também nada mais requeremos da metrópole, porque em nada temos sido atendidos. Têm-nos bastado, como um refúgio consolador, o passado com a sua tradição, a saudade com a sua Pátria ideal. A nossa admiração por vós, ilustre Chefe da Nação Portuguesa, é feita de unção religiosa como perante uma divindade milagrosa; surpreendendo-nos em atitude de reza, escutareis que os nossos votos se dirigem para vós como a um símbolo dessa Pátria ideal do nosso credo. A vossa vinda até a nossa comunidade investiu-vos, portanto, dum novo poder, porque sois desde agora um nosso eleito, por aclamação duma nova assembleia, mais vasta do que o Congresso que vos elegeu e no qual não tivemos sequer representação. A área da vossa jurisdição é ampliada ao infinito; porque não tem limites a expansão do Portugal emigrante por todo o Mundo. Sois ainda mais o pontífice máximo desta religião que tem muitos milhões de crentes. Instalai, pois, no mais subido altar da nossa terra a sede pontifical deste culto e convocai todo o povo, mas não só o povo das cidades, vilas e centros de melhor cultura.

Que os vossos arautos buzinem pelos píncaros das serranias e despertem os povoados adormecidos nos recôncavos dos pequenos vales; que desçam os castrejos acoitados nos alcantis em paveias de casas como nos primitivos castros lusitanos, e que não faltem os de Laboreiro, do Marão, os de Trás-os-Montes e dos Hermínios; que soem os atabales pelas planícies, chamando a reunir todos os lavradores do campo e das festivas aldeias ribeirinhas; que se desencantem as palhotas do litoral escondidas nas pequenas abras, espiando o mar para novas lutas de heroísmo. Ajuntai-os todos, porque só estes têm na anatomia do corpo e da alma, nos seus usos tradicionais e na sua fala, o caráter imaculado da Raça; e só estes conservam intacta no coração a relíquia da gloriosa tradição, a seiva heroica da grei. A esta multidão pregai com a vossa eloquência fascinadora o evangelho da grei; e vos escutará. Sobre este maciço fundamental, compacto como rocha plutônica que irrompesse do centro

---

do Globo, levantai então a nova Pátria, fazendo ressurgir a terra da promessa, que há séculos perdemos e que temos de retomar para renascer na história moderna, tais como fomos na antiga, em um ciclo de epopeia. Proclamai a verdadeira República da tradição, que abrirá a nova era de renascença da Pátria Portuguesa.

Assim como foi coroada de triunfo a vossa missão de vinda, que seja igualmente bendita a vossa missão de regresso!<sup>1</sup>



## DISCURSO DO DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

Meus Senhores!

Sou profundamente sensível às vossas saudações e as palavras da mensagem do Dr. Ricardo Severo calaram deveras no meu ânimo. Agradeço-vos do coração os cumprimentos que aqui me vieram trazer em nome da inteligente e laboriosa colônia de São Paulo, que tanto se tem extremado sempre na nobre missão de honrar Portugal no Brasil. Reparei devidamente nas vossas afirmações, e no meu espírito gravaram-se com a devida acentuação algumas das expressões da eloquente saudação do Dr. Ricardo Severo. Pelo que vós dizeis e pelo que ele diz, fico sabendo duma fonte certa, o que de resto já calculava com bons fundamentos, isto é, que sois felizes no Brasil, porque nesta terra viveis em pleno entendimento com os seus filhos, à sombra de uma liberdade magnífica, que, para vós, portugueses, reveste sempre aspectos de boa estima fraternal.

O Dr. Ricardo Severo vai mesmo mais longe, pois, se bem ouvi a sua mensagem, lida com tanta emoção pelo Dr. João de Barros, os

---

<sup>1</sup> Este discurso devia ter sido pronunciado pelo Dr. Ricardo Severo, por ocasião da recepção da colônia portuguesa em São Paulo no Palácio Guanabara. Mas, tendo adoecido o Dr. Ricardo Severo, a comissão delegada da referida colônia solicitou do Dr. João de Barros a leitura da calorosa saudação, que foi publicada em "*O Mundo*" de 16 de outubro de 1922.

---

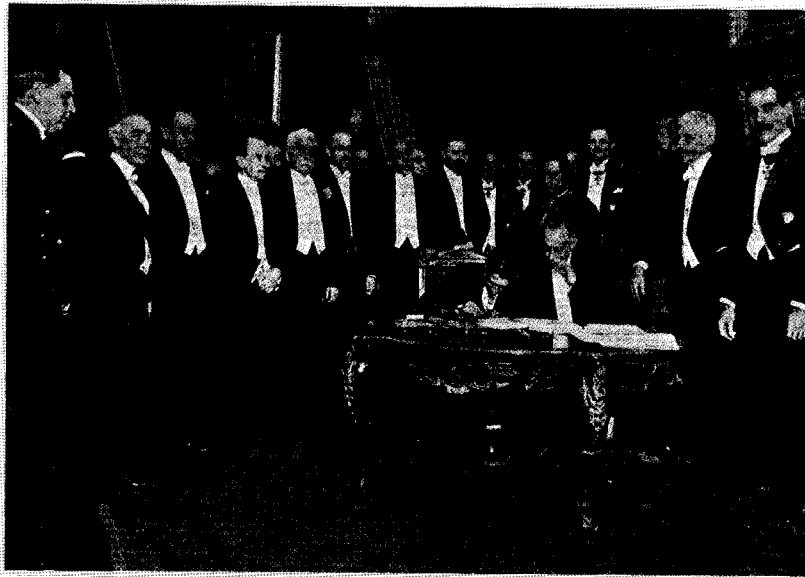
portugueses são bem-aventurados no Brasil, porque continuam aqui a obra dos antepassados, contribuindo para a formação e sustentação daquilo que ele chama, e com verdade, o *integral brasileiro*. Perfeitamente. Nessas palavras lúcidas e inteligentes encerra-se, com todo o seu poder luminoso, a expressão do esforço cooperador dos portugueses no Brasil. Continuamos, na verdade, a nossa realização histórica. Fundamos este grande Brasil, e ainda hoje somos nós quem, afora os brasileiros, contribui com a melhor seiva para que se desenvolva, fortaleça e embeleze essa árvore de robusto tronco e admirável copa, para abrigo de cujas raízes nós abrimos sulcos históricos.

No Brasil há vastos núcleos de colonizadores de muitos e variados países, alguns dos quais se harmonizam de perto com a característica latina da alma brasileira. Outros, mais separados pela sua diferenciação étnica, apenas se adaptarão passageiramente às modalidades do feitio social dos brasileiros. Mas uns e outros trabalham numa ordem perfeita, obedecendo, tantas vezes fascinados, à orientação dos brasileiros, possuidores deste solo magnífico. No meio deste vasto mar colonizador, as gentes do Brasil mantêm uma hegemonia dominadora, regulando os fluxos e refluxos das suas vastas marés, dominando e disciplinando as suas fortes e desencontradas correntes. Mas os portugueses representam mais do que uma corrente ou do que uma maré. Eles são, pela própria essência da sua alma lusíada, uma parte do vasto praiamar, reconfortante e civilizador, que alastra, tonificando-as para a civilização, sobre as terras brasileiras. Ainda bem que assim é, e que vós, conforme me dizeis e segundo me afirma o Dr. Ricardo Severo, vos reconheceis constituídos na obrigação de não só viver aqui, em paz e harmonia com os brasileiros, agradecendo a sua hospitalidade, mas também de os auxiliar na gigantesca obra de desenvolvimento da sua Pátria, que prende já, nestas alturas, os olhos atentos da civilização mundial.

O Dr. Ricardo Severo é um alto espírito e um nobre caráter. Em Portugal ele foi, em tempos já distantes, um propagador de princípios,

isto é, um educador na elevada acepção do termo. Continua a sê-lo, no Brasil, entre os seus compatriotas, onde os seus talentos brilham com a mesma luz e a sua ação se exerce com idêntica energia. Não podíeis escolher melhor intérprete para falar à Pátria Portuguesa, em mim representada. Mas antes de ouvir a mensagem que ele escreveu e acabou de ser lida, já as palavras do vosso inteligente e ilustrado cônsul, o Dr. José Augusto de Magalhães, tão conhecedor da vida brasileira e tão lealmente amigo dos brasileiros, e as vossas próprias e tão sugestivas palavras que de um e outro e de todos ouvi, me haviam patenteado, com singular regozijo, que a colônia portuguesa em São Paulo está à altura das suas tradições de patriotismo, de inteligência, de poder de iniciativa e de amor pelo trabalho.

Meus senhores! Agradecendo a gentileza que tiveram para com a minha mulher e a minha filha, oferecendo-lhes algumas belas recordações do Brasil, a todos apresento, com os protestos da minha estima pessoal as saudações da nossa Pátria inolvidável!



Assinatura dos Tratados, em 26 de setembro de 1922, no Palácio do Itamaraty. Sentados, os Drs. Barbosa de Magalhães e Azevedo Marques, antigos ministros dos estrangeiros de Portugal e do Brasil. De pé, entre outros, os Srs. Dr. Alberto de Oliveira, Dr. Veiga Miranda, Dr. Antonio Azeredo, Arnaldo Azevedo, Dr. Jayme Cortesão, Costa Dias, o Núncio de Sua Santidade e Dr. Duarte Leite.



---

## ARTIGO DE RICARDO SEVERO

27 de setembro de 1922

As embaixadas especiais vão-se despedindo e partindo. Hoje deve embarcar no *Arlanza*, de regresso à sua grande Pátria, o Sr. Dr. Antonio José de Almeida. As simpatias, a popularidade e a admiração que conquistou em dez dias de estadia no Rio de Janeiro o eminente tribuno são de fácil explicação. A embaixada extraordinária de Portugal, em hora de tão grande significação, seria recebida com honras excepcionais e por meio de simpatias de todos, qualquer que ela fosse. Veio, porém, um estadista que, além da importância do seu posto, além do seu passado de glórias em combate pela República e do seu presente de serviços inolvidáveis, além de orador e de jornalista que é, é como tribuno um *charmeur* irresistível, que empolga, domina e atrai. A eloquência incomparável do Presidente fez, assim, mais do que outro qualquer embaixador extraordinário pudesse fazer. Hoje, toda a população do Rio vai manifestar a S. Exa. a sua grande consideração, estima e admiração pelo que representa a sua visita ao Brasil e pelo seu valor pessoal que deu tanto brilho à sua presença entre nós.

O dia de ontem foi de despedidas para algumas embaixadas. O Sr. Dr. Antonio José de Almeida visitou a Câmara Portuguesa de Comércio, sendo saudado pelo seu presidente, o Sr. Alexandre Herculano Rodrigues. À noite, realizou-se no palácio Itamaraty o banquete oferecido ao Sr. Dr. Barbosa Magalhães, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, pelo Dr. Azevedo Marques, Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Muitas outras solenidades e cerimônias se realizaram, e as exposições atraíram grande concorrência acrescida pelos novos pavilhões inaugurados. Mas, além disso tudo, hoje vai ser, principalmente, a apoteose. A população do Rio de Janeiro, de índole retraída, só vibra e se entusiasma nos momentos de alta significação. Assim como tem sabido ser sensível ao valor da missão do Sr. Dr. Antonio José de Almeida e como tem sido sempre solícito a manifestações ao grande amigo do Brasil.



---

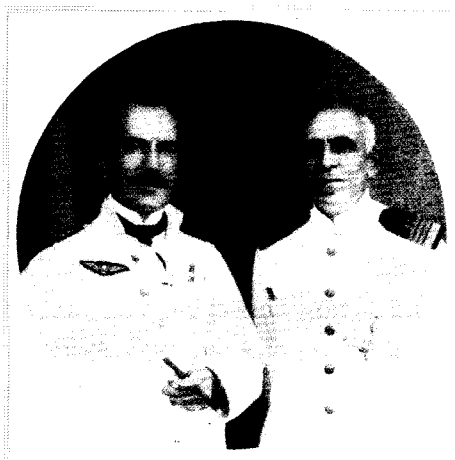
O Presidente de Portugal é, de fato, uma personalidade sedutora. Com que familiaridade sabe ser eloquente! Com que simplicidade sabe tocar as cordas mais sensíveis do coração! Para cada lugar em que falava tinha uma expressão, um tom, uma elegância apropriada. Esse grande eloquente sabe ser eloquente sem ênfase. Por isso soube dizer tudo o que diz, comovendo, fazendo vibrar, entusiasmando, com encantadora facilidade. No meio das mais ardentes evocações uma simples recordação pessoal, a alusão ao fato do dia, no que acabara de fazer! O assombro da improvisação deslumbrava, aquecia, empolgava! De modo que esse homem, que sozinho conquistaria todas as simpatias populares, foi além disso um símbolo do Portugal nosso irmão, do Portugal que ama o Brasil, da fraternização dos dois ramos da mesma raça querida!

Assim, em sua irradiante personalidade reuniram-se todos os dons, todos os atrativos. O Rio de Janeiro, representando o Brasil inteiro, cercou sempre de particular admiração o eminente Presidente de Portugal. Em dez dias, o antigo tribuno da República, o panfletário da *Desafronta*, o jornalista da República, o médico dos pobres, o excelso estadista e diplomata de hoje conseguiu o que outros com dificuldades obteriam em séculos. Foi uma obra prima de diplomacia a que construiu com a sua cativante eloquência o Presidente de Portugal, aproveitando as tendências cordiais dos dois povos irmãos e amigos. Naturalmente, pondo em destaque sem esforço a sua missão e a amizade dos dois países, o Dr. Antonio José de Almeida venceu, triunfou, granjeou uma popularidade merecida.

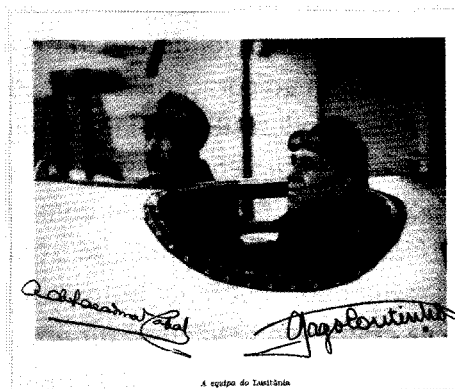
Sabemos como o nosso povo, de ordinário retraído, sabe ser sensível aos que lhe tocam ao coração. Por isso, como já dissemos, hoje vai ser a apoteose. Todo o Rio de Janeiro virá despedir-se do grande português que se retira com a saudade de todos, que já se tinham, em tão poucos dias, familiarizado com ele, e com o título bem merecido de cidadão carioca, que não só o Conselho Municipal, mas o povo inteiro lhe deu. A obra de aproximação luso-brasileira alcançou uma nova etapa que se vai traduzir em realidades úteis, e no Brasil viverá palpitante a impressão do grande vulto que nos vai

deixar hoje e que em Portugal continuará a trabalhar, como todos os portugueses e brasileiros, além e aquém Oceano, pela maior intensidade das relações entre os dois povos irmãos. O Rio de Janeiro patenteará hoje ao Sr. Dr. Antonio José de Almeida as admirações e simpatias que conquistou tão naturalmente e que deram à sua alta missão a desejada atmosfera de popularidade que um democrata, como S. Exa., alveja sempre para todas as suas iniciativas.

☆☆☆



Sacadura Cabral e Gago Coutinho



A equipa do Tamiária



O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Epitácio Pessoa, com os aviadores portugueses.

## II- A PRIMEIRA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

### **Palavras do Presidente Antonio José de Almeida, de Portugal**

Glórias aos Aviadores!

Os séculos XV e XVI foram um momento da vida do Universo em que os Portugueses escreveram a história patética do globo terrestre.

Tinha ficado em branco um capítulo que Sacadura Cabral e Gago Coutinho preencheram agora. Esse capítulo, ainda não fechado, é já uma realidade, porque a chegada a Cabo Verde é de fato a Vitória. Está, na essência, ganha formidável partida. O resto, que,

---

seguindo a minha convicção inabalável, a fortuna há de bafejar também, sendo importantíssimo, no seu aspecto sentimental, para o nosso coração de Lusíadas, é um suplemento e um acessório para o justo preito que devemos ao Heroísmo.

Nesta hora de velhas façanhas rejuvenescidas, de antigas glórias que jorram de fontes que pareciam secas, de assombros redi-vivos, enfim, todos os corações portugueses devem estar com os tripulantes do avião-fantasma – águia da lenda que leva nas pos-santes asas arqueadas o prestígio, a glória, a fortuna moral de um povo inteiro.

Glória aos aviadores!

6 de abril de 1922



*Telegrama enviado para o Rio de Janeiro quando da chegada dos aviadores:*

“Aos heroicos aviadores almirante Coutinho e comandante Sacadura Cabral – Rio de Janeiro

O término da vossa viagem não encerra o ciclo da vossa glória, porque esse durará enquanto houver corações portugueses para sentir.

A emoção em Portugal é profunda e podeis orgulhar-vos de haver realizado, em torno do vosso ideal de navegadores do ar, a unidade moral da Nação. Em nome desta vos saúdo mais uma vez, enviando-vos os agradecimentos finais pela feliz realização da vossa científica e temerária empresa, que fez reviver as horas de triunfo das eras antigas”.



---

## OS NOVOS LUSÍADAS

Jayme Cortesão

Dois portugueses acabam de lembrar, em realidade bela e heroica, a esquecida grei da era de Quinhentos. Atravessaram, pela primeira vez, num voo, o Atlântico do Sul, de lado a lado. Pela primeira vez também, guiados por métodos seguros, dirigiram o rumo a um ponto predeterminado, com certeza magnífica. Voando entre Portugal e o Brasil, descobriram a navegação aérea transoceânica. Para além do ato político de aproximação entre dois países, o abraço épico do seu voo dilata-se e cinge toda a Humanidade. As duas asas que na aparência unem dois povos irmãos, abrem-se sobre o mundo e abrigam sob a possante envergadura uma formosa esperança de fraternidade universal.

Creemos que este feito é dos que rasgam à sua frente as eras novas. Porventura haverão de transcorrer muitos anos de experiências, lutas e sacrifícios antes que, definitivamente, os homens possam em poucas dezenas de horas voar de continente a continente, por sobre os mares. Mas como os primeiros descobrimentos das regiões longínquas, como as primeiras tentativas da imprensa, da navegação a vapor e da telegrafia, como tudo o que tem aproximado o homem do homem e misturado o sangue e o pensamento humano, este novo feito descobridor pertence ao escasso número dos que aceleram maravilhosamente o ritmo da vida e tomam mais livre e redimido o Espírito.

Como os seus antepassados de Quatrocentos, estes dois homens hão de sentir que o seu ato é dos que de século em século se propagam. Tal qual as navegações dos seus irmãos nas alvoradas do Renascimento, o seu voo sublime anuncia aos homens uma nova Primavera da Espécie.

E, se a missão universalista do Português, que deu mundos ao Mundo, reencarna nos dois aviadores, é que uma profunda analogia

---

os aproxima dos homens daquela idade de ouro. Como os velhos navegadores e capitães da Índia, eles se formaram na escola adusta de África; aprenderam a guiar-se pelos astros nas vastas solidões de terra e mar; e endureceram às inclemências dos vários climas e várias latitudes.

Como eles, longa e pacientemente se prepararam no estudo e na experiência, calando os seus maiores desígnios; criaram a ciência própria; e se guiaram pelos “*regimentos das estrelas*” e “*pesaram o sol com o astrolábio*”. Como eles, enfim, têm a nobre, a humilde e orgulhosa consciência da grandeza nacional e humana do feito que praticam. A modéstia e o orgulho, a tenacidade e a disciplina, o método organizador e o espírito de dúvida e sacrifício, o que mais enalteceu o português das velhas eras, ressurgem nos dois como numa aparição de espíritos. Tal deles recorda até na glabra e rude face, curtida pelos ventos do mar e dos sertões, na distância marítima do olhar, na gravidade e austera fortaleza, que lhes transluz no rosto, os velhos navegadores e cavaleiros das tábuas de mestre Nuno.

Assim se compreende que, após quase quatro séculos de pecados, infortúnios e desvairamentos, eles realizem, talvez como nunca em toda a nossa história, o milagre de unificar a consciência nacional no mesmo veemente e heroico entusiasmo. É o gênio lusitano nas suas virtualidades mais perfeitas, audaz e cândido, aventureiro e refletido, tanto mais universalista quando mais português, que revive neles o esplendor antigo. De novo os olhos portugueses podem chorar lágrimas sublimes, e os lábios rezar, em paráfrases de glória, os versos de *Os Lusíadas*.

Mais uma vez na *praia ocidental* se talham os padrões que delimitam as idades. O Mundo inteiro volta a alumiar-se com a candeia da “*pequena casa lusitana!*”.



---

## NO JORNAL FOLHA DA NOITE

### Os aviadores em São Paulo

Temos a honra de comunicar à população de São Paulo e às comissões do interior do estado que os heroicos aviadores portugueses Com. Gago Coutinho e Sacadura Cabral, deverão chegar a esta cidade, à estação da Luz, segunda-feira próxima, 3 de julho, às 11:00 horas da manhã, em trem especial.

Terão ingresso no recinto da estação as autoridades civis e militares, representantes da imprensa, a Grande Comissão de homenagens e suas famílias, representantes das agremiações e representações do interior que apresentem seus cartões de ingresso.

Na segunda-feira, às 20:00 horas, realizar-se-á recepção no Trianon. Terão ingresso para esta recepção as mesmas entidades e os sócios da Câmara Portuguesa de Comércio e suas famílias.

Os cartões de ingresso, tanto para uma como para outra cerimônia, bem como os distintivos para os membros da Grande Comissão, podem ser procurados, das 14:00 às 16:00 horas, no Consulado de Portugal, largo de São Francisco n. 5

São Paulo, 29 de junho de 1922  
A Comissão



Folha da Noite – 17 de junho de 1922



## GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL EM SÃO PAULO



Região Central de São Paulo na década de 1900

### Na Estação da Luz

A notícia do fim do sensacional *“raid”* Lisboa-Rio de Janeiro e a vinda a São Paulo dos aviadores portugueses emocionou profundamente o coração dos paulistas.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram à Estação da Luz, em São Paulo, local que se tornava um espaço para festas, sempre que se aguardava a chegada ou a partida de alguns passageiros. Lá se encontrava o cônsul português junto à comissão organizadora de festejos, para participar das justas homenagens que lhes foram prestadas.

Da Estação da Luz ao Palácio do Governo, a multidão enchia as avenidas, mal deixando passar o desfile de carros entre delirantes aclamações. A imprensa paulista, jornais e revistas, fizeram edições especiais para imortalizar a fantástica epopeia da primeira travessia do Atlântico Sul.

### No Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Quinta-feira, 6 de julho, às 21:00 horas e meia, realizou-se a sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico, em homenagem aos ilustres aviadores.

---

Presidiu à sessão o Sr. Affonso A. de Freitas, tendo comparecido, além dos dois homenageados, os srs. Dr. J. A. Magalhães, cônsul português, representantes do Presidente do Estado e secretários do Governo, o Dr. Ricardo Severo, membros influentes da colônia portuguesa, os oficiais dos couraçados “República” e “Carlos Araújo” e grande número de sócios do Instituto. O Sr. Arcebispo escusou-se por carta. No saguão tocou uma seção da banda de música da Força Pública.

À entrada foram recebidos os gloriosos ases pela Diretoria e sócios do Instituto e, introduzidos no salão, foram recebidos com uma prolongada e entusiástica salva de palmas. A banda executou o Hino Nacional e a Portuguesa. Abrindo a sessão, o Sr. Affonso A. de Freitas, presidente, proferiu as seguintes palavras:

*“Exmo. Sr. Contra-almirante Gago Coutinho, Exmo. Sr. Capitão-de-fragata Sacadura Cabral.*

*No ano derradeiro do século XV um povo, pequenino pelo número, porém grande, homérico pelo arrojo, abre esteira por mares ignotos e aporta suas caravelas enfunadas por ventos bonançosos a terras até então desconhecidas do mundo civilizado.*

*Um pugilo de homens descidos de bordo fixa-se em terra, dispersa-se pelas orlas rendilhadas do oceano, infiltra-se pela densidade das florestas, entronca-se na raça aborígene, cavala de seiva rica, e pratica o milagre, única na formação das agrupações humanas de, através dos paralelos de duas zonas climatéricas distintas, constituir nacionalidade homogênea pelo idioma, pelos usos e costumes e pela religião.*

*O povo que desvendou os mistérios dos mares tenebrosos é o português: a terra por ele aportada no ano de 1500 é o Brasil.*

*E o Brasil cresceu e desenvolveu-se sob o influxo benéfico de Portugal, atingindo rapidamente a maioria: emancipa-se pacificamente do domínio político da metrópole, mas conserva-se intimamente ligado à Mãe-Pátria pelos vínculos estreitos de sincera afetividade e pelos laços indestrutíveis do sangue. Decorrem os tempos; eis-nos chegados ao primeiro centenário da independência brasileira. Portugal, proverbialmente cavalheiresco, investe, em*

*fidalga externalização do seu carinho pelo Brasil, a dois dos seus mais diletos filhos, da missão de saudar o povo amigo com a determinação de o fazerem traçando moderna rota através dos ares virgens que separam as duas nações irmãs, como os antigos navegadores lusos sulcavam mares jamais navegados. De como os dois plenipotenciários de amizade desempenharam-se da épica missão, todo mundo sabe, todo mundo viu no desenrolar da fulgurante epopeia através do espaço. Eis porque esta agremiação, interrompendo por momentos o estudo calmo da história pátria em suas sessões regimentais, abre seus salões em sessão solene para receber-vos, senhores Contra-almirante Gago Coutinho e Capitão-de-fragata Sacadura Cabral, exponentes máximos, legítima encarnação que sois do lendário heroísmo português.*

*Ao orador oficial deste Sodalício e não a mim cabe a honrosa e grata incumbência de vos saudar: entretanto, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, de pé, e pela palavra do seu Presidente, saúda, neste momento, nas pessoas de Vossas Exas., senhores aviadores, a excelsa pátria lusitana”.*

Logo depois foram executados o Hino Nacional e “A Portuguesa”, ouvidos de pé por todos os assistentes.

Seguiu-se o discurso do Sr. Affonso de Freitas Júnior, peça magnífica de elevação espiritual e delicado estilo que foi, a cada passo, vivamente aplaudida.

Em termos de grande simplicidade e comoção o Sr. Almirante Gago Coutinho agradeceu a significativa e brilhante demonstração de simpatia.

*Livro Portugal – Brasil – A hora gloriosa da raça:  
travessia aérea do Atlântico – Os aviadores em São Paulo, 1922*





Folha da Noite – 6 de julho de 1922

## SAUDAÇÃO A GAGO COUTINHO E SACADURA CABRAL NO IHGSP

Fragmentos do discurso proferido em sessão  
solene de 6 de julho de 1922,  
pelo orador oficial Affonso de Freitas Jr.

Senhor Gago Coutinho, Senhor Sacadura Cabral, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo vos saúda. Embora vos fale pela boca do mais moço de seus sócios, por isso não deixará o orador de felicitar-vos com menos simpatia e sinceridade.

*Hic domus, haec patria est – quotidie aliquid addiscentem*, é o dístico legível aos que transpõem o pórtico deste Instituto *Hic domus, haec patria est* – esta é a pátria. Nela estuda-se a história, cultuam-se as tradições, invocam-se os manes dos grandes espíritos que tiveram capital influência nos destinos da nação, do povo e da raça.

---

E por serdes vós legítimos representantes do valor legado por aqueles varões ilustres, nossos antepassados, descobridores da Vera Cruz e continuadores no Novo Mundo da raça imortal dos Camões e Monizes, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo tem a satisfação em apresentar os cumprimentos de boas-vindas, ilustres marinheiros, valorosos aviadores, egrégios portugueses, que acabais de traçar mais uma página brilhante nos anais da história lusa.

O feito incomparável que vindes de praticar sagrou-vos heróis no conceito dos povos, imortalizou-vos nas páginas da história, glorificou-vos no altar da lusa pátria.

A obra realizada avulta os olhos do mundo, que vos aplaude e vos admira, porque foi lance do mais puro, do mais sincero, do mais elevado patriotismo. A nós, brasileiros, o vosso sucesso tem significado especial – foi mais um elo de amizade, que a voz do sangue ligou na cadeia da mesma raça.

De acendrado patriotismo foi o vosso empreendimento em todo o rigor do termo. Muito se cuida hoje ser patriotismo, o envaidecerem-se com as glórias da pátria, com a honra de haver nascido em seu regaço, com as vantagens auferidas em seu berço, em nada contribuindo para o seu bem, para o seu renome, para o refflorir dos louros que a engrinaldam: patriotismo é, diversamente, servir à pátria com inteligência, com o coração e com a própria vida, e vós lhes prestastes esses três serviços, lhe dedicastes esses três sentimentos.

Com inteligência servistes a mãe pátria glorificando-a, homenageando-a, enobrecendo-a nos estudos da ciência marítima, perseverando no trabalho, planeando a empresa atrevida com segurança realizada. A invenção dos vossos aparelhos aviatórios do “Sextante” e do “Corretor de Derrotas” demonstra os estudos acurados que fizestes, como preliminar da viagem concebida, o quanto meditastes sobre o roteiro pré-traçado, seguido à risca pela visão aquilina de Sacadura, em todas as previsões científicas elaboradas. Esta foi a grande vitória intelectual da ciência portuguesa.

Com o coração e com o risco da própria vida ainda a servistes, pelo ardimento com que intentastes a travessia oceânica, afrontando

---

a morte pelo renome da pátria, pelo denodo com que arrostastes o furor dos ventos desencadeados nas solidões dos mares, pelo ar-rojo com que vencestes os bulhões espessos em plena escuridão da noite. E nesses transes, sofrestes os momentos angustiosos dos grandes empreendimentos humanos!

Para que não se aniquile a vontade humana ante as esmagadoras forças da natureza; para que o homem ao romper o bojo das nuvens que bolsam abaixo violentos aguaceiros, tendo por sobre a cabeça a imensidade infinita dos céus e sob os pés a imensidade e rugidora dos mares na braveza de suas ondas, o pavor do desconhecido no alto, a morte quase certa em baixo; para que o homem não se aniquile nesse supremo momento – precisa possuir a calma privilegiada do herói, a inteira serenidade de espírito, a confiança absoluta de si mesmo.

E vós a tivestes. A luta foi renhida, mas a vitória vos coube. Com o olhar vigilante na derrota, com o pulso firme na direção, dominastes os azares da sorte, como contornados foram os escolhos dos mares ignotos pelos primeiros viajores lusos. Oh! brava raça dos Cabrais! Salve, campeões do Atlântico! O termo feliz da vossa acidentada viagem foi, entretanto, condizente com as presságios da partida.

Quando vosso avião, numa arrancada, alçava o voo intemerato em Lisboa, largando a formosa baía do “mar de palha”, sobre a embocadura do caudaloso rio, desenhou-se o arco-íris da esperança, rutilando em cambiantes mágicas à passagem triunfal do audacioso e gigantesco volátil, em demanda de ares nunca dantes devassados.

Eram os prognósticos do sucesso. E a majestosa águia lusitana, num soberbo voo, ligava o Tejo à Guanabara pela trajetória luminosa do Arco da Aliança: “*vem pela via láctea*”, não como cantou Camões no poema da raça, “*pisando o cristalino céu formoso*”, mas arrostando as intempéries em gélidas e sombrias noites.

Em revoada pelos céus, o “Lusitânia”, retesando as asas enormes, como os condores arquejando a envergadura na investida do tufão, rangendo o arcabouço contra o vendaval, vence a borrasca...

mas é engolido pelas ondas encapeladas que lhe arrebatam o flutuador, quando a vitória acena dos penedos brasileiros.

*“Jamais um paladino venceu, com menos honra, uma batalha, em virtude de, durante ela mudar de cavalo”*, disse a propósito vosso Presidente e, à última nave aérea coube terminar com tanta galhardia o arriscadíssimo empreendimento, cheio de peripécias, donde assomava a todo momento o terrível fantasma da morte, como surgia do fundo do *mar tenebroso*, aquele horrendo gigante Adamastor às invictas galeras manuelinas, que rondavam *o cabo das tormentas*.

Por essa vitória vibrou o povo brasileiro, palpitarão dia-a-dia, hora a hora, minuto a minuto os corações portugueses, exultou toda a raça em que corre o generoso sangue lusitano. Foi a vitória da audácia, do engenho e do patriotismo portugueses.

E para maior esplendor do triunfo, a adversidade, franzindo a carranca por vezes, com arreganhos de falsos ameaçadores, rompendo em peleja contra os ousados devassadores dos ares, foi impotente ante a intrepidez dos velhos lobos do mar, que não temeram que alguma agulha destemperada lhes desnortasse, ou que algum astrolábio descompassado lhes mentisse.

Não há perigos invencíveis, nem morte de que se arreceiem, para os que fitaram a primeira luz do dia, nesse ninho de águias que se chama a serra da Estrela (que é o teu berço, Sacadura Cabral) erguida altaneira no dorso da península donde a vista experimentaste, perscrutando os céus, dominando os horizontes, onde parece reboarem ainda de fraguado em fraguado, de penedia em penedia, de alcantil em alcantil, os golpes temerosos da clava do gigante pastor do Hermínio, e o alarido bravio das hostes de Viriato.

A sombra dos vossos antepassados vos guiou. Seguistes a infinda esteira branca, ainda batida e espumarenta que as caravelas quinhentistas, lançadas do *palatium naviogiorum regis*, as avantajadas *taracenas* da Magdalena, sulcaram vencendo a atração dos mares misteriosos. Foi o vulto de D. Henrique que vos falou de Sagres, apontando a imensidade oceânica:

---

*“Ao largo, ousado! O segredo  
Espera com ansiedade,  
Alguém privado de medo  
E provido de vontade...”*

*Verás destes mares largos  
Dissipar-se a cerração!  
Aguça os teus olhos, Argus:  
Tomará corpo a visão...” (Bilac)*

E a visão tomou corpo. A visão tornou-se realidade, porque a visão era a fé inabalável na consciência do próprio valor. Aquela mesma fé que ascendia a estrela dos navegantes, nas longínquas eras dos Gamas, dos Cabrais e dos Magalhães. Era ainda aquela fé, que aos vossos antepassados levava a gravar nas velas latinas, e a vós, nas asas do vosso avião, a cruz sacrossanta e inspiradora dos vossos feitos, vencedora nos embates de Ceuta e nas pugnas D’Aljubarota, dilatadora dos domínios marítimos e evangelizadora das selvas, conquistadora de novas terras e criadora de novos mundos. *In hoc signo vinces*. Com este sinal vencerás. E com este sinal, dois Cabrais aportaram à terra bendita de Santa Cruz. E ao elevardes o olhar agradecido às regiões celestes, vós vistes, destas plagas, como viram os olhos estáticos de Constantino, reluzir no céu uma cruz luminosa – o Cruzeiro do Sul, engastado no firmamento anilino, cintilando nas alturas o símbolo estelar da fé, coruscando ansiedades, lucilando emoções, tremeluzindo esperanças, quando guiava nos priscos séculos a rota aventureira dos vossos navegadores.

Ter na alma o formidável poder da fé é tornar-se o homem robustecido para a realização dos seus sonhos, é conseguir o homem o segundo elemento da vitória.

Escutai, senhores, estas palavras de Le Bon: *“criar a fé, quer se trate de fé religiosa, quer de fé política ou social, fé numa obra, numa personagem, numa ideia, é principalmente a função dos grandes guias... De todas as forças que a humanidade dispõe a fé tem sido sempre uma das maiores, e tem muita razão o Evangelho,*



---

*quando lhe atribui o poder de transportar montanhas. Dar ao homem uma fé é duplicar-lhe a força”.*

Foi a fé na geração dos Henriques e Affonsos que deu a D. Manuel os domínios do Oriente onde, no dizer de Bernardes, *“as asas do sol se mediam com o seu império”.*

Oh! alma varonil portuguesa! Tu és como a rosa de Jericó – fecundada a flor de uma geração, revives noutra que desabrocha.

Os teus guerreiros de hoje, meu glorioso Portugal, ainda batalham como nos campos de Ourique. Vede-os em 1914 nas trincheiras da França.

Os teus navegantes modernos conservam a têmpera dos Gonçalves, dos Eanes e dos Baldayas. Reparai na audácia dos vossos pilotos aéreos.

São os atos, diz Le Bon, que revelam a alma inconsciente, profunda, criada pelos antepassados. Os vossos atos, senhores comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral, revelam a alma temerária que palpitava sob as armaduras dos vossos antepassados; ressurgem na memória as grandes sombras daqueles super-homens construtores da Lusitânia imensa, fautores de uma pátria gloriosa, organizadores de uma nacionalidade robusta; evocam aqueles espíritos leoninos, que se agitaram em oito séculos de civilização; fizeram, para dizer com Michelet, a ressurreição da alma heroica, nobre e aventureira daqueles varões ilustres, que encheram as páginas da história com a fama dos seus feitos.

De todos os grandes sucessos heroicos, tanto nas viagens longínquas, como nas batalhas sangrentas, resulta sempre a alma cavaleiresca portuguesa, ressaltam os lances gentis dos gentis-homens da cavalaria.

Nos largos ciclos da civilização, destaca-se em notável relevo, a dualidade da grande alma lusa: destemida da morte, lutando com denodo nas batalhas é, entretanto, meiga e sincera, vibrante e carinhosa, singela e magnânima, capaz de todos os sacrifícios nos sentimentos afetivos.

Esta dualidade forma o acentuado traço característico da raça. Os fatos culminantes de sua história apresentam essas duas faces; –

---

a bravura guerreira a par da poesia cavalheiresca. (...) A nobre raça lusa lateja no sangue brasileiro, que era o de Bartolomeu de Gusmão, o imortal criador da aerostática, que é o de Santos-Dumont, o primeiro a dirigir o voo dos balões, o glorioso inventor do aeroplano; a nobre raça lusa ostenta-se em Santa Cruz no seu idioma falado por trinta milhões de homens e por esse “*semideus da palavra falada e escrita, produto equatorial, ciclópico da natureza do Brasil, em cujo espírito, disse Júlio Dantas admirar todo o esplendor, toda a exuberância, toda a magnificência das selvas tropicais*” – o incomparável Ruy Barbosa; a nobre raça lusa patenteia-se nos usos e costumes nacionais e manifesta-se nas qualidades afetivas de caráter e de valor dos filhos do Brasil, assim ligados ao povo português por uma cadeia indestrutível.

Os feitos brilhantes dos portugueses ilustres são como o rebrilhar de triunfos dos brasileiros, filhos e descendentes da veneranda e gloriosa Lusitânia.

Eis porque, senhores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, vossa chegada às capitais brasileiras sacudiu a alma nacional em frêmitos de emoção, foi anunciada pelo badalar sonoro dos carrilhões, pelo estrugir ininterrupto dos morteiros, pelo sibilar das *sereias*, por entre aclamações ruidosas de simpatia, de amizade e de admiração.

Eis porque, senhores aviadores, ao divisar-se na amplidão dos céus a linda nave branca, desfraldando a flâmula alvi-rubra da cruz dos navegantes, no vencimento da etapa final da viagem, inflamou-se a alma brasileira vitoriando-vos a uma só voz, imensa, clamorosa, exultante:

Glória a ti, Sacadura! Glória a ti, Coutinho! Glória a ti, meu nobre, meu heroico, meu lendário Portugal!

“Revista do IHGSP,” n.º 22, 1923.



## NA CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO DE SÃO PAULO

### A primeira travessia aérea do Atlântico Sul

(...) Na visita de Gago Coutinho e Sacadura Cabral a São Paulo, teve a Câmara papel preponderante, incumbindo-se de organizar a recepção na Estação da Luz e a festa popular no Trianon, além de imprimir os convites para o baile no Teatro Municipal.

Foi ao Consulado e à Câmara que os visitantes se dirigiram ao deixar a estação e aí voltaram à noite para assistir da varanda central, estando a fachada profusamente iluminada, ao desfile da marcha *aux flambeaux* em homenagem aos aviadores portugueses entusiasticamente vitoriados pela multidão que enchia o Largo de São Francisco.

A repercussão da viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral manteve-se viva na memória dos brasileiros e portugueses pelo orgulho natural que suscitou, mas também pelo pioneirismo de que se revestiu.



Gago Coutinho e Sacadura Cabral em visita à Câmara Portuguesa



Gago Coutinho e Sacadura Cabral em visita ao Clube Português

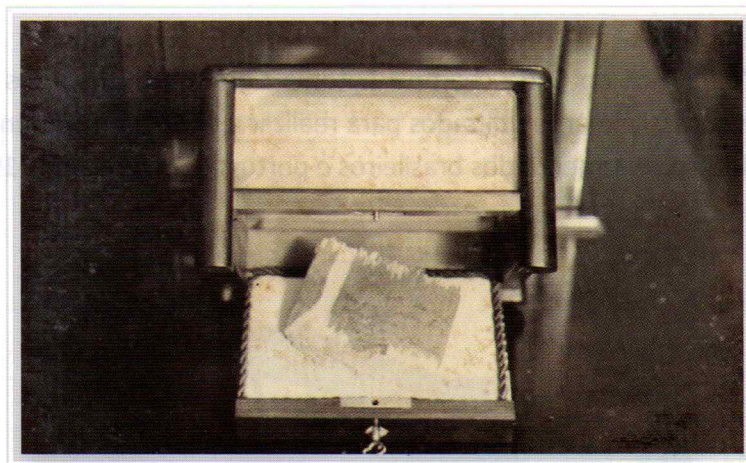


Eleição da Primeira diretoria – 31.8.1920

Sentados: Daniel Martins Ferreira, o quarto da esquerda para a direita, pai de Nelly Martins Ferreira Candeias, primeiro presidente do Clube Português.



Placa comemorativa



Relicário contendo um fragmento do avião pilotado por Sacadura Cabral, que desapareceu no Canal da Mancha em 15 de novembro de 1924, oferecido ao Clube Português por Antonio Ferro



Nelly Candeias no Clube Português,  
tendo nas mãos o relicário



“Caravelas do Céu”, chamou Antonio Corrêa d’Oliveira aos três aviões sucessivamente utilizados para realizar a travessia do Atlântico, refletindo o sentimento dos brasileiros e portugueses no ano de 1922.



O “Lusitânia” iniciando o voo Lisboa-Rio

---

### ***Caravelas do Céu***

*De novo Portugal bateu as asas  
(O mundo 'inda não viu outras mais belas!)  
E são estas as novas caravelas,  
O Lume-Novo das antigas brasas.*

*Dantes, vogavam sobre as ondas rasas  
As naus aventureiras; hoje, é vê-las!  
Parecem voejar por entre estrelas,  
Como andorinhas no beiral das casas.*

*Agora, o mar é o céu, a infinita luz;  
Mas, nas velas em asas, a mesma cruz  
Alonga o mesmo voo triunfal.*

*Tão rente aos céus, ninguém o tinha visto!  
— Sem vir à terra, pode Jesus Cristo  
Colher nos braços todo Portugal.*

**António Corrêa d'Oliveira**

### **Bibliografia**

Duas Pátrias: *“O que foi a visita do Sr. Dr. Antonio José de Almeida ao Brasil. Os seus discursos”*, Sociedade Editora O Mundo, Lisboa, 1923.

Morel, Edmar – *Gago Coutinho e sua vida aventureira*, A. Coelho Branco, Filho, 1941, 1ª Edição.

*80 anos: Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo, 1912-1992.*

Corrêa, Pinheiro – *Sacadura Cabral, homem e aviador*, Lisboa, 1964.

---

“Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, volume XXII, 1923.

90 anos do Clube Português/João Alves das Neves (coordenador). – São Paulo, Clube Português, 2010.